

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Análise Estratégica do Crime-estudo de caso do Roubo de Viaturas na Cidade de Maputo

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Vicente Carlos Chaúque

Supervisor:

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Maputo, Junho de 2011

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Titulo:

**Análise Estratégica do crime: estudo de caso do Roubo de Viaturas na
Cidade de Maputo**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Autor:

Vicente Carlos Chaúque

Supervisor:

Dr. Baltazar Samuel Muianga

Junho de 2011

Declaração

Eu, Vicente Carlos Chaúque, declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para obtenção de qualquer grau acadêmico e que constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes utilizadas.

O autor

.....

Vicente Carlos Chaúque

Dedicatória

Dedico esta monografia ao meu pai Carlos Mário Chaúque, à minha mãe Júlia Elias Massango, que puderam transmitir para mim ensinamentos necessários que culminaram com a minha decisão de enveredar pela formação académica. Aos meus irmãos (especialmente o Felisberto e a Léria Chaúque); aos meus amigos (Daniel Bacião, Egídio Chaimite, Higinio Muteto, Jubilo Picardo, Geraldo, Tchalata, Inácio, Moises Martins, Armindo e Manito), e no geral a todos que directa ou indirectamente fazem parte da minha vida em todos os seus momentos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus, Onnipresente e Omnisciente, que implantou em mim e a todos seres humanos a consciência e espírito criados à imagem dEle.

Agradeço ao meu supervisor Dr. Baltazar Samuel Muianga que paciente e incansavelmente orientou com dedicação e profissionalismo todo o processo de elaboração desta monografia. Aos meus pais (Carlos M. Chaúque e Júlia E. Massango) que sempre se mostraram disponíveis para me apoiar psicológica e materialmente desde o ensino primário até à licenciatura no curso de Sociologia. Ao Egídio Chaimite, Armando Macamo, Sérgio Mahumane e à Cândida Bila, por terem sido os meus colegas que durante quatro anos de estudos árduos puderam partilhar comigo ideias e conhecimentos.

Os meus agradecimentos são também extensíveis à duas instituições através das quais foi possível realizar o trabalho do campo. Refiro-me à Polícia de Investigação Criminal e a Cadeia Central de Maputo. Agradeço, concretamente, a todos agentes policiais, as vítimas do roubo de viaturas e os detidos por terem se disponibilizado para responder as minhas questões.

Epígrafe

“ Só pelo conhecimento se pode evitar a criminalidade”

Maurice Cusson

Lista de abreviaturas e siglas

SNAPRI – Serviço Nacional de Prisões

PIC – Polícia de Investigação Criminal

PRM – Polícia da República de Moçambique

CC – Cadeia Central

B. O – Bloco Operativo

MINT – Ministério do Interior

CCM – Comando da Cidade de Maputo

RESUMO

A presente monografia sob o título de Análise Estratégica do Crime – Estudo de caso do Roubo de Viaturas na Cidade de Maputo, pretende explicar o roubo de viaturas como uma acção criminal dotada de lógica de custos de oportunidade e de decisões racionais. De acordo com estudos feitos a nível internacional sobre o roubo, o indivíduo age por interesse económico, observando factores relativos ao lucro, à segurança, viabilidade, etc. Por conseguinte, procura-se indagar em que medida o roubo de viaturas na cidade de Maputo pode ser percebido no quadro de escolhas racionais e de decisões igualmente racionais. Acredita-se que o assalto à mão armada na sua vertente de roubo de viaturas pode ser compreendido numa lógica de mercado na medida em que os criminosos maximizam os ganhos ao vender viaturas roubadas para concretizar seus principais objectivos. Para a elaboração da presente monografia privilegiou-se a abordagem qualitativa para a compreensão do fenómeno em estudo, tendo-se feito o levantamento bibliográfico, levantamento documental e entrevistas. O estudo foi orientado por um enfoque teórico denominado Análise Estratégica do Crime, que vê o criminoso como indivíduo que age racionalmente na consecução dos seus objectivos. Efectivamente, concluiu-se que o roubo de viaturas é uma acção na qual os criminosos avaliam e ponderam a relação custo-benefício na consecução dos seus objectivos meramente económicos como o melhoramento das suas condições de vida. E que eles estrategicamente planificam seus actos e agem após avaliar as circunstâncias para o roubo.

Palavras-chave: Crime; Situação-Pré criminal; Racionalidade; Meio Delinquente.

ABSTRACT

This monograph under the title of the Crime Strategy Analysis - case study of Vehicle Theft in Maputo City, purports to explain the stolen vehicles as a criminal act equipped with logic of opportunity costs and rational decisions. According to international studies that concern theft, the individual acts by economic interest, noting factors relating to profitability, safety, feasibility, etc. Therefore, is investigate the extent in which stolen vehicles in Maputo can be seen in the context of rational choices and decisions equally rational. The armed robbery in its shed for stolen vehicles can be understood in market logic to the extent that criminals maximize profits by selling stolen cars to achieve their main objectives. It was privileged the qualitative approach in order to understand the phenomenon under study. On it was necessary to make literature review, survey and documentary interviews. The study was supported by the theory of Strategic Analysis of Crime, which sees the robber as a person who acts rationally in achieving his objectives. Indeed, it was concluded that car theft is an act preceded by rational and purely economic objectives such as improving their living conditions, and they strategically plan coordinated their actions and act after assessing the circumstances for the theft.

Keywords: Crime; Pre-criminal Situation, Rationality, Delinquent Surroun

ÍNDICE

	Páginas
I: INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Justificativa	13
II: FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	14
III: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	22
3.1 Análise Estratégica do Crime.....	22
3.2 Principais Conceitos.....	27
3.2.1 Crime.....	27
3.3.2 Racionalidade	28
3.2.3 Situação Pré-criminal	29
3.2.4 O Meio Delinquente	29
IV: METODOLOGIA.....	32
4.1 Métodos e técnicas	31
4.2 Limitações do trabalho	33
V: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	34
5. 1 Cadeia Central: breve descrição.....	34
5. 2 Perfil Sócio-demográfico dos detidos	35
5. 3 As Racionalidades do roubo de Viaturas na Cidade de Maputo.....	37
5. 3. 1 Racionalidade Instrumental: Motivações.....	37
5. 3. 2 Comercialização das Viaturas Roubadas	39
5. 3. 3 Racionalidade Objectiva: as circunstâncias do roubo	41

5. 3. 4 Racionalidade Artesanal: o saber roubar viaturas	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
ANEXO I: GUIÕES DE ENTREVISTA	55
ANEXO II: LISTA DOS ENTREVISTADOS.....	60

I: INTRODUÇÃO

O crime é um fenómeno social que sempre caracterizou as sociedades. Ele é inerente à condição social da humanidade. E, de acordo com as diferentes épocas históricas teve diferentes facetas e conheceu sua diversidade e sofisticação (Cusson, 2002).

Em Moçambique, verifica-se essa diversidade e sofisticação criminal, que se expressa em furtos qualificados, roubos, tráfico de seres humanos, falsificação, etc. Um dos tipos de crime de maior relevância no país é o roubo de viaturas com recurso à arma de fogo (Ministério do Interior, 2008).

De acordo com os Dados Estatísticos da Polícia de Investigação Criminal, para o ano 2010, até o mês de Julho os processos normais de roubo de viaturas¹ só na cidade de Maputo eram de 349, e os processos com arguidos eram 41. E nessa mesma época (Janeiro a Julho) haviam sido recuperadas 61 viaturas (Ministério do Interior, 2010).

Existem actos criminosos que parecem desprovidos de racionalidade e outros que se afiguram racionais. O assalto à mão armada na sua vertente de roubo de viaturas parece expressar a existência da racionalidade (Cusson, op. cit. p.111).

Neste trabalho intenta-se analisar o crime como uma acção estratégica, movida por interesses e objectivos racionais, e que antes da consecução desses interesses os indivíduos observam as condições, se são ou não favoráveis para a prática desse crime, se suas acções são submetidas a planificações, decisões racionais e suas técnicas e formas de proceder são resultantes de experiências adquiridas com outros elementos que outrora praticaram o mesmo acto

¹ O roubo de viaturas ou “*Carjacking*” (*s/d*) é um tipo de crime que remota a década de oitenta nos Estados Unidos da América, inicialmente “*Highjacking*”, que significava, roubo ao viajante ou veículo em trânsito ou roubo do veículo pelo uso da força. Era um conceito que abrangia todos os tipos de veículos, nomeadamente barcos, aeronaves, comboios, automóveis, motociclos, etc. Actualmente, devido a particularidade e aumento das acções levadas a cabo envolvendo automóveis, considera-se a definição seguinte: tentativa ou consumação do roubo da viatura, em que esta é retirada à vítima com uso da força ou ameaça.

criminoso. Daí que sugere-se a seguinte hipótese: o assalto à mão armada na sua vertente de roubo de viaturas pode ser compreendido como um acto de escolhas e decisões racionais na medida em que os criminosos avaliam a relação custo-benefício no acto do roubo, de modo a maximizarem os ganhos.

Para compreensão do fenómeno do roubo de viaturas usou-se a Análise Estratégica do Desvio, que é uma abordagem da Sociologia do Desvio que sustenta que o desvio é um fenómeno enformado pela racionalidade, a incerteza e a ponderação dos custos-benefícios, em que os desviantes agem de acordo com a lógica de custos de oportunidade (Ferreira et al, 1995). A Análise Estratégica do Crime apoia-se na Teoria das Oportunidades defendida por Felson e Cohen (1979.) que vê o crime como uma combinação de circunstâncias favoráveis para o acto e a motivação do criminoso. Apoia-se também na Teoria das Escolhas Racionais aplicada ao roubo que segundo Clarke (1995), o desviante procede após observar e avaliar todas as condições em termos de possibilidades de ganhos e perdas. Por fim, a Análise Estratégica apoia-se na abordagem da Racionalidade Limitada defendida por Simon (*apud* Ferreira et al, op. cit. p. 447) que considera que a racionalidade dos actos individuais e colectivos é limitada, porque todas acções por eles protagonizadas resultam de uma série de incertezas no espaço-tempo em que se processa o desvio.

No plano metodológico, destacam-se três fases: numa primeira, realizou-se a pesquisa bibliográfica que consistiu na recolha e análise de artigos, jornais, livros, monografias, dados estatísticos; depois, com o objectivo de aprofundar alguns aspectos encontrados nestes dados, realizou-se as entrevistas exploratórias; por fim, efectuou-se o trabalho de campo, tendo se apoiado nas entrevistas semi-estruturadas e pesquisa documental.

No concernente à estruturação, a presente monografia é composta por cinco (5) capítulos, que são: em primeiro (I) a introdução que inclui a justificativa. No segundo (II) apresenta-se a revisão bibliográfica, formula-se o problema que guia o trabalho; com a hipótese antecipa-se a resposta ao problema e apresentam-se os objectivos. No terceiro capítulo (III), enquadra-se a pesquisa no universo teórico sobre a racionalidade do roubo de viaturas, definem-se e operacionalizam-se os conceitos. No quarto capítulo (IV), apresenta-se a metodologia, destacando o método de abordagem, método de procedimento, técnicas de recolha de dados, a amostra e considera-se também as limitações da pesquisa. Por fim, no quinto capítulo (V), analisam-se e interpretam-se os resultados da pesquisa descrevendo-se o local da pesquisa,

indicando-se o perfil sócio-demográfico dos entrevistados, as motivações da prática do roubo; as racionalidades que enformam o acto do roubo de viaturas; por fim, indicam-se as considerações finais e a bibliografia envolvida na efectivação do trabalho.

1.1 Justificativa

Os motivos da elaboração do presente trabalho prendem-se na ideia de procurar compreender um problema social, a partir duma abordagem sociológica. Isto é, com base nos instrumentos metodológicos e das teorias sociológicas, pretende-se explicar o fenómeno do roubo de viaturas. Desse modo, esta monografia visa enriquecer as abordagens já existentes na sociologia do crime.

Verificou-se que em Moçambique há poucos trabalhos que se debruçam sobre o crime e particularmente raras na perspectiva da racionalidade. Os poucos estudos existentes sobre a criminalidade (refere-se aos trabalhos de Mavie (2009), Sengulane (2003), Madeira (2003) e outros) referem-se, na sua maioria, à problemática da reincidência criminal. Acredita-se que este estudo pode ter uma importante contribuição teórica pela percepção dum fenómeno social à luz da Análise Estratégica do Crime e direccionar especialistas a uma reflexão com objectivo de encontrar formas adequadas de compreender o problema.

Este trabalho pode ter uma relevância do ponto de vista prático, dado que o crime é um problema social, que quando estudado e conhecido pode ser combatido ou prevenido. Pois, acredita-se que é possível encontrar uma interpretação científica da realidade criminal no país e ajudar a influenciar, através dos resultados encontrados, na implementação de estratégias e políticas por parte das instituições ligadas ao crime como é o caso do Ministério do Interior.

No concreto, esta monografia torna-se relevante por centrar sua atenção nas acções estratégicas dos criminosos, ao evidenciar seus planos, métodos, procedimentos e suas limitações. É também relevante por descrever as circunstâncias nas quais os ladrões de viaturas aprendem um conjunto de técnicas de execução e recebem informações necessárias para o acto do roubo. Nesse âmbito, trata-se dum estudo inovador no conjunto de monografias sociológicas existentes em Moçambique.

II: FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Nesta secção pretende-se trazer estudos que se debruçam sobre a problemática do crime que de algum modo servem para contextualizar esta monografia dentro da área da pesquisa sociológica sobre o crime. Esses trabalhos são de notável importância do ponto de vista de clarificação do problema.

Froner (2008), na obra intitulada: “*A Teoria do Crime: O Roubo Bancário*”, tinha como objectivo analisar do ponto de vista teórico e empírico o roubo bancário na cidade de Porto Alegre, utilizando a abordagem da teoria económica do crime, argumentando que o indivíduo é um agente económico, que avalia custos e benefícios antes de praticar um acto ilícito. Mas, acrescenta que, não é só o lucro que motiva o criminoso: o comportamento é dirigido por um jogo muito mais rico de valores e preferências que cada indivíduo analisa em particular.

Froner (ibid) constatou que o criminoso potencial analisa os riscos e as expectativas do ganho nas suas decisões criminais contra a propriedade. Mas, sustenta através de correntes de carácter psicológico a existência de excepções nesse tipo de comportamento. Porque o acto de cometer o roubo é, nalgumas vezes, resultante dum desequilíbrio intrapsíquico.

No estudo intitulado “*Economia do Crime: Teoria e Evidências Empíricas, a partir de um Estudo de Caso na Penitenciária Estadual de Piraquara*”, Shikida (2005), procurava analisar a criminalidade no Paraná a partir de dados primários obtidos via aplicação de questionários/entrevistas a réus já julgados e condenados por crimes económicos.

Nesse estudo, Shikida (ibid) procura provar que os criminosos não são doentes mentais, rejeitados pela família e sociedade e sem condições de competir pelas alternativas legais do mercado do trabalho, mas são antes, racionais e impetuosos, oportunistas diante de um ambiente favorável e eram movidos por interesses económicos.

O estudo concluiu que para a maioria dos pesquisados, os retornos económicos foram maiores que os riscos de migração para o crime. Delinquir seria uma tomada de decisão individual e racional depois de avaliar os custos e benefícios dessa acção. No mesmo estudo Shikida (ibid) constatou que os motivos da conduta desviante por parte dos reclusos foram:

indução de amigos (maioritariamente), manter o sustento do vício, cobiça, ambição e ganância.

Um estudo, também de carácter racional do crime, feito em Minas Gerais intitulado: *Determinantes da Criminalidade em Minas Gerais* (Beato, 1998) com objectivo de analisar algumas implicações do estudo da distribuição espacial do crime para a Sociologia do Crime ao construir mapas de criminalidade, centrou suas análises para os processos de tomada de decisão por parte dos criminosos relativos à escolha de locais e alvos viáveis para a realização do crime.

De acordo com Beato (ibid), as abordagens espaciais são apropriadas para a demonstração dos componentes racionais da actividade criminosa.

Assim, ele revela que o crime deve ser explicado pela riqueza e não pela pobreza, pois, vê naquela uma forte correlação devido ao aumento das oportunidades para a acção criminosa, dado que fornece várias vítimas e reduz mecanismos tradicionais de controle social.

O estudo concluiu que os alvos preferencias nos assaltos à mão armada ocorridos em Belo Horizonte durante o ano de 1996 foram transeuntes. Tais roubos ocorrem em maior número devido à limitada capacidade defensiva das vítimas e as armas são geralmente utilizadas para minimizar a possibilidade de reacção das pessoas. Preferem vítimas que estejam perto dos locais onde vivem e que metade dos arrombadores actuam em pleno dia quando as casas estão vazias, e o período de férias das vítimas é favorável (ibid).

Um outro estudo que relaciona a criminalidade e o tamanho das cidades é o de Oliveira (2005), *Criminalidade e o tamanho das cidades brasileiras: um enfoque da Economia do Crime*. Cujo objectivo era de procurar entender, através da conexão dos determinantes da criminalidade com o tamanho das cidades, os factores determinantes para que um indivíduo cometa crime.

A diferença encontrada com a monografia do Beato (op. cit), reside no enfoque que Oliveira (op. cit) dá ao contexto económico e social, como a existência de oportunidades de emprego formal, e também no papel do grupo para a aprendizagem do acto criminal.

Oliveira (ibid) parte do pressuposto de que um acto criminoso surge de um processo em que o papel histórico do indivíduo e a sua inserção no contexto são fundamentais para a compreensão do tal acto.

Argumenta que nas cidades, ao se analisar a criminalidade, é necessário considerar que a decisão de cometer um crime envolve um processo evolutivo anterior ao momento da decisão. Pois, cada cidade possui um mercado de trabalho lícito que determinará o custo de oportunidade de fazer parte no mercado ilícito (ibid).

Os custos de execução dum acto criminal dependem também do contexto no qual o criminoso está inserido: o indivíduo que convive com participantes do mercado ilícito, diminui o custo de execução e planeamento de um crime. Porque terá facilmente aprendido no meio delinquente².

Oliveira (ibid) concluiu que a criminalidade é maior em grandes cidades porque existe uma maior reincidência, uma reduzida probabilidade de ser punido e menores custos associados ao crime. E acrescenta que a desigualdade da renda e a pobreza são factores que potencializam a criminalidade. E que, a escola no seu ensino fundamental e médio não tem sido eficaz no cumprimento do seu papel de insersor do indivíduo no mercado do trabalho e de passar valores morais aos mesmos. Por fim, Oliveira (ibid) considera que a estrutura da família tem sofrido alterações que minam os valores morais e potencializam a criminalidade.

Os estudos anteriormente referenciados, no geral, evidenciam o carácter estratégico dos criminosos. Destacam o papel da sua racionalidade ao procurarem nas suas acções ter o máximo ganho e minimizar os custos e realçam a ponderação dos riscos de ser punido na realização desses actos, o que é notavelmente relevante para o presente trabalho. Porém, não descrevem com precisão as circunstâncias, os processos racionais, as estratégias, os planos para a realização do roubo de viaturas.

Um estudo (Oliveira, op. cit) aborda a questão do meio delinquente, ao referir o facto dos criminosos aprenderem a executar com facilidade uma acção criminal. Apesar de não ter sido uma análise profunda e vigorosa sobre a racionalidade do roubo por não explicar o acto de aprendizagem e influência criminal, constitui um subsídio teórico para este trabalho na

² Sutherland (1937 *apud* Cusson, op. cit) apresenta o furto como um artesanato ao descrever o processo pelo qual os indivíduos pertencentes a um meio social denominado delinquente, aprendem a roubar com destreza.

medida em que aborda algumas condições em que os indivíduos são influenciados pelo convívio com o grupo.

Ao nível do país (Moçambique), Brito (2002), na obra: *“Os Condenados de Maputo”*, pretendia adquirir uma informação sistemática sobre a origem social e os grupos de pertença dos jovens delinquentes, tal como compreender condições ou factores da sua passagem à vida delinvente e colher informação acerca da taxa da reincidência e a sua eventual variação em função dos tipos da delinquência.

Apesar de ser um estudo que discute a origem e condição sociais dos delinquentes, essa informação é parcialmente importante para o este trabalho do ponto de vista do conhecimento do perfil da população reclusa que constitui o grupo alvo.

Para Brito (ibid), factores como a imigração e desemprego, não devem ser considerados como principais para serem responsáveis pela criminalidade, pese embora o facto de estarem na origem de um contingente significativo de delinquentes. Ele, salienta que a entrada para o mundo do crime, deve estar ligada aos processos de desintegração da célula familiar e de marginalização e exclusão social.

Relativamente ao emprego, o mesmo autor refere que existe de facto uma relação entre a situação de emprego e a criminalidade porque a maioria dos reclusos é desempregada. Mas essa maioria é constituída por vadios. E os vadios encontram-se presos por serem desempregados. E salienta que os tribunais condenam mais facilmente os arguidos desempregados.

Na óptica de Brito (ibid) a origem social dos delinquentes está ligada às facções mais vulneráveis da população urbana, onde fazem parte os inúmeros migrantes que se deparam com dificuldades de integração social e económica na vida cidadina.

Desse modo, concluiu que as delinquências em Maputo são bipartidas em delinquência de “subsistência” e de ambição de riqueza e bens materiais:

“ [...] há dois tipos de delinquência tendencialmente distintos, um ligado à exclusão social, a falta de qualificações profissionais e de emprego, que se exprime na pequena delinquência de “subsistência” e outro parece mais ligado à ambição de riqueza e bens materiais e se exprime nas formas mais

graves e violentos de crime, com particular destaque para os assaltos à mão armada e o roubo de viaturas [...]” (Brito, *ibid.* p. 30).

No concernente as monografias sobre crime em Moçambique destacam-se:

“*Ressocialização dos Reclusos na Cadeia Central de Maputo*”, Madeira (2003), que tinha objectivo de compreender a cadeia como agente de socialização e ressocialização e compreender a influência das condições internas no processo de ressocialização dos reclusos, as percepções sobre o quotidiano e o relacionamento entre os reclusos e o corpo dirigente. Para Madeira (*ibid.*), as condições internas da Cadeia em estudo têm uma influência negativa no processo da ressocialização na medida em que não preparam o recluso para o adequado retorno à convivência social. Como conclusão o estudo revelou que os processos e programas internos da ressocialização são insuficientes e inoperantes, que não têm surtido efeito desejado na reabilitação dos reclusos.

Paralelamente, o trabalho da Sengulane (2003) com título, “*Instituição Prisional-Influência das práticas quotidianas na reabilitação dos Reclusos: o caso da Cadeia Central de Maputo*”, pretendia analisar a relação entre a missão da instituição prisional e as práticas diárias; identificar o discurso oficial da prisão tendo em conta a legislação em vigor; analisar o discurso do recluso sobre a sua situação prisional e descrever a realidade quotidiana na prisão. Sengulane parte do princípio de que existe discrepância entre o discurso sobre a função social da prisão e as práticas diárias. O estudo concluiu que a cadeia carece de actividades ocupacionais; que existem poucos condenados (apenas quatro reclusos em cada sector) distribuídos em carpintaria, alfaiataria, serralharia e cozinha; há muita mão-de-obra ociosa na cadeia³; a não observância das normas estipuladas pela instituição durante o período em que o recluso cumpre a sua pena; a morosidade do sistema judicial; a falta de organograma para os funcionários da cadeia que não permite que cada um conheça devidamente a sua função.

Um outro estudo feito por Monjane (2009) traz no campo da reincidência criminal um conceito que considera-se relevante: o estigma. Na sua monografia, “*O Estigma como Factor de Retorno à Reclusão: Caso do jovem Recluso*”, procura estudar e analisar o estigma como

³ Estas considerações são reforçadas pela monografia da Mavie (2009) que revela que a falta de trabalho, a ociosidade nas prisões, a morosidade da justiça, a falta de suporte social após a saída da prisão são elementos que reforçam o crime.

factor de reincidência penitenciária. Parte do pressuposto de que o estigma é uma das formas de relacionamento entre a sociedade e os ex-reclusos que contribui para o retorno destes à reclusão. Sendo o estigma um meio normal de controle social é provável que a certo nível, motive a privação do gozo da liberdade dos ex-reclusos vistos como responsáveis de qualquer acto delitivo que ocorre dentro da comunidade. Monjane (ibid), concluiu que fora da instituição prisional ocorre o processo através do qual o ex-recluso é estigmatizado, ele, ao avaliar as condições fora da prisão, que são classificadas como desfavoráveis para ele, acaba optando por actividades criminosas.

Mavie (2009), na monografia: “*As Significações da Reincidência Criminal entre os Reclusos da Cadeia Civil de Maputo*” procurou aprofundar o conhecimento da reincidência criminal a partir da perspectiva dos reclusos e de pôr em evidência a interpretação que eles têm da realidade social. Busca, no geral, aspectos que caracterizam a conduta social reincidente, tendo em conta a análise das significações sociais da reincidência e das implicações desses significados no acto criminal. Também aborda sobre o estigma, considerando que a reincidência está associado ao estigma que os reclusos percebem nas suas relações sociais quotidianas. Daí criam significados que influenciam a forma como agem face à reincidência e que são:

“A forma como percebem o tipo de trabalho que desenvolvem fora da prisão; o valor do trabalho por oposição ao mundo do crime; a convivência com os demais reclusos; as acções dos guardas prisionais; os serviços dos técnicos da saúde e da justiça criminal na prisão; atitude da família, amigos e vizinhos” (Mavie, ibid. p. 57).

Concluiu que as agências de controlo e repressão ao crime têm um peso explicativo na compreensão de condutas reincidentes, porém não explicam toda a complexidade do fenómeno. E ainda que, para além das causas sociais como a falta de emprego, o rendimento insuficiente, etc., que contribuem para a construção de carreiras criminosas, há ainda outras possibilidades, como a manifestação da estigmatização social (ibid).

Embora as monografias elaboradas em Moçambique não tendem a analisar a componente racional do crime, servem para contextualizar o objecto de estudo. Estudo esse que pretende dar mais realce às decisões racionais, ao meio em que as práticas, planos, são transmitidos ou aprendidos.

De acordo com Lakatos e Marconi (1992), a formulação do problema prende-se ao tema em questão, porque esclarece a dificuldade específica com a qual se defronta e que se pretende resolver por intermédio da pesquisa.

De acordo com as leituras feitas sobre o assalto à mão armada, pesquisas evidenciam que o comportamento do indivíduo, nalguns tipos de crime, é movido por interesse económico e é precedido por factores relativos à segurança, viabilidade, etc., não obstante o facto de correr riscos de ser preso ou morto (Cusson, op. cit. p. 114, 115).

O assalto à mão armada é um acto que permite, por parte de quem o pratica alcançar bens ou valores monetários em pouco tempo. Porém, existe a probabilidade de insucesso, podendo culminar com a prisão ou morte de quem o pratica. Essa acção criminal remete-nos à concepção de que as decisões dos criminosos e seus planos parecem ser desprovidos de racionalidade quando nelas considera-se uma dimensão do problema (ibid. p. 111, 112).

Na cidade de Maputo, as evidências trazidas pelos relatórios da polícia⁴ e órgãos de informação, mostram que o assalto à mão armada e crime violento⁵ são uma realidade considerável e que tem uma tendência recrudescente, pese embora a existência da probabilidade de insucesso e maiores riscos.

As viaturas roubadas são vendidas dentro ou fora do país⁶, e conclui-se que trata-se de um negócio rentável e que não é feito ao acaso, mas é impulsionado por um conjunto de circunstâncias associadas e lógicas. Desse modo, propõe-se a seguinte questão: **em que medida o roubo de viaturas na Cidade de Maputo pode ser percebido como acto de escolhas e de decisões racionais?**

⁴ De acordo com dados estatísticos do Comando da Cidade (2009), na Cidade de Maputo tem se roubado em média 260 viaturas por ano.

⁵ Brito (2002) concluiu que as delinquências em Maputo são bipartidas em delinquência de “subsistência»” e de ambição de riqueza e bens materiais. Este último se expressa em formas mais graves e violentos de crime.

⁶ Gastrow e Mosse (*apud* Paulino, 2003) referem-se que em Moçambique, o roubo de viaturas para exportação (para países vizinhos como Zimbábwe, Zâmbia e Malawi) e a importação, constituem uma das formas de crime organizado. Porque é caracterizado por uma estrutura hierárquica entre os seus membros e por um conjunto de regras, deveres e obrigações mais ou menos formalizados.

Como **hipótese** do trabalho propõe-se que o assalto à mão armada na sua vertente de roubo de viaturas pode ser compreendido como um acto de escolhas e decisões racionais na medida em que os criminosos procuram maximizar seus ganhos e suas decisões estão relacionadas com circunstâncias favoráveis que são observadas antes da execução do acto criminal.

Quanto aos **objectivos** traçados neste trabalho, têm-se como **objectivo geral**: explicar o roubo de viaturas como uma acção criminal dotada de lógica de custos de oportunidades e de decisões racionais.

Como **objectivos específicos**, nesta monografia pretende-se:

- i. identificar os objectivos materiais e as motivações da prática do crime;
- ii. identificar as técnicas, formas e planos usados para a realização do acto do roubo;
- iii. e por fim, descrever as circunstâncias em que os indivíduos aprendem a ser assaltantes de viaturas.

III: ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Esta pesquisa será orientada por um enfoque teórico denominado Análise Estratégica⁷, que evidencia o carácter estratégico dos actores sociais e a observância das vantagens e desvantagens na sua acção. É um modelo interpretativo que se inspira nas teorias da escolha racional, na racionalidade limitada e da teoria económica do crime. Considera-se que através desta teoria tornar-se-á possível analisar e compreender a vertente racional do roubo de viaturas. E no concernente ao enquadramento conceptual, serão apresentados os principais conceitos deste estudo que são: Crime, Situação Pré-criminal, Racionalidade, Meio Delinquente.

De acordo com Weber (1947), uma acção racional comporta a avaliação ou ponderação dos meios e fins dessa acção por parte de quem o pratica. Ele usou o termo para descrever uma orientação da realidade que pondera os custos e benefícios para o propósito da eficácia e de consecução de objectivos práticos. Weber (ibid) acredita que diferentes tipos de racionalidade tornam-se dominantes em diferentes estágios de desenvolvimento social e isto, tende a eliminar outras orientações da realidade tal como a magia, considerações oraculares, etc .

3.1 Análise Estratégica do Crime

A seguir se apresentarão os pressupostos da Análise Estratégica do Crime que é uma orientação teórica caracterizada essencialmente por evidenciar escolhas e decisões racionais por parte dos criminosos. De acordo com Cusson (op. cit. p.116, 117), ao privilegiar o carácter racional do crime e concretamente o assalto à mão armada, invoca três razões para sustentar essa racionalidade:

“A, porque constitui um meio adaptado aos fins prosseguidos pelo seu autor; B, porque está adaptada às situações pré-criminais; e C, porque utiliza os conhecimentos e o saber-fazer acumulados no meio delinquente.” (Cusson, ibid. p.116).

⁷ Nas universidades anglo-saxónicas, os criminólogos que pensam nestes termos são designados, e designam-se, a si mesmos, pela etiqueta de escolha racional. Na criminologia de língua francesa, fala-se em análise estratégica, paradigma do acto criminal e criminologia do acto (Cusson, op. cit. p. 110).

Partindo dessas razões, Cusson (loc. cit.) estabeleceu três categorias que complementam a racionalidade que são: *racionalidade instrumental*, *racionalidade objectiva* e *racionalidade artesanal*.

De acordo com Cusson (ibid. p.117), a *racionalidade instrumental* (ou teológica) é referente a todos actos que conferem ao seu protagonista melhores hipóteses de atingir o objectivo pretendido.

O assalto à mão armada expressa essa racionalidade porque permite obter quantias consideráveis de dinheiro, no ponto de vista de quem o pratica. Porém, Cusson (ibid. p. 119, 120 e 121) adverte-nos que, quando se trata de partilha com outros membros do grupo os lucros podem ser menos consideráveis e os benefícios podem parecer insignificantes ou não compensadores dos riscos, planos e gravidade do crime. Ademais, quando o assaltante é neutralizado, o preço a pagar torna os ganhos bastante medíocres. Mas os delinquentes vêm nesta prática uma forma de ganhar rápida e facilmente, porque o próprio assalto à mão armada não dura mais de um minuto e as probabilidades de sucesso a curto prazo são maiores.

Segundo Cusson (ibid. p. 118) o assalto à mão armada é audacioso e espectacular porque confere também ao seu autor uma aura de coragem e de força no meio criminal. Os criminosos praticam-no com outros objectivos (sede de prazer, de poder, de prestígio). E, estes enquadram-se na racionalidade deste tipo de crime. Mas, um criminoso é imediatista, prefere correr riscos para ser bem sucedido.

Racionalidade objectiva: nesta categoria, Cusson (ibid. p. 119) centra sua atenção nas circunstâncias que o criminoso teve de considerar para atingir os seus objectivos. Refere-se: aos alvos preferidos dos criminosos; às horas adequadas para a prática do crime; ao nível de segurança (quando este for frágil ou inexistente melhor); ao grau de exposição da vítima; à arte de enganar, ou seja o “*bluff*”; à duração da operação, dado que quanto mais tempo a operação levar, mais hipóteses de aparição da segurança ou da polícia; à sobrevalorização da vida em relação aos objectos ou bens. Neste aspecto, analisando o roubo bancário, o autor refere que:

“Os assaltantes tiram partido do facto de um trabalhador comum não estar disposto a arriscar a vida para defender a sua caixa; adaptam-se ao perigo de uma intervenção policial rápida agindo ainda mais rapidamente e tiram

partido do anonimato das multidões e da fluidez dos transportes urbanos para fugirem” (ibid. p. 121).

A Análise Estratégica do Crime recorre à *Teoria das Oportunidades (Routine Activities Approach)* proposta por Felson e Cohen (1979) para fundamentar determinadas situações de ocorrência do crime ao considerar que a ocorrência do crime deve estar ligada a uma oportunidade que se manifesta de forma objectiva no criminoso. O crime sempre ocorrerá quando houver uma oportunidade mais ou menos clara e com menos protecção ou segurança.

Felson e Cohen (ibid) consideram que o crime não depende exclusivamente das potencialidades do criminoso para ocorrer. Mas sim a sua condição depende de uma oportunidade, que qualquer indivíduo pode ter. Nesta aceção existem três condições para a realização dum crime: o criminoso motivado (refere-se ao seu potencial físico, inteligência, educação e outros recursos, ferramentas e camuflagem necessária para um determinado tipo de actividade criminal); alvos adequados (visibilidade e condições de acesso) e por fim a ausência de uma segurança intransponível.

A Análise Estratégica do Crime, ainda na categoria da racionalidade objectiva, preconiza que alguns procedimentos e planos dos assaltantes embora não sejam sofisticados⁸, são racionais. Pois, constituem uma resposta adaptada aos dados objectivos do assalto (Cusson, op. cit. p. 120, 121).

Racionalidade artesanal: com esta categoria racional, pretende-se considerar que o comportamento dos assaltante à mão armada é resultante da posse de um saber-fazer fundado na experiência: a do próprio criminoso e dos outros (ibid. p. 121).

Para fundamentar esta concepção, Sutherland (1937 *apud* Cusson, op. cit) considera o furto profissional como um artesanato, na ideia de que:

“O ladrão que merece o título de profissional deve dominar técnicas, possuir um saber fazer, fazer prova de destreza e dispor de uma rede de contactos. E aprende tudo isso com outros profissionais. Posteriormente, aperfeiçoa a sua arte através da experiência” (Sutherland, 1937 *apud* Cusson, loc. cit).

⁸ Segundo Simon (*apud* Cusson, 2002), um decisor não procura a melhor solução para o seu problema, mas sim, uma solução satisfatória. A decisão repousa sobre uma representação simplificada da realidade. Face a um problema complexo, o decisor não atende a todos os dados, não examina todas as opções possíveis nem todas as suas eventuais consequências.

Essa experiência revela-se no saber manejar uma arma, uso de máscaras com meias translúcidas, óculos fumados ou lenços de seda, etc. A prática que oferece mais garantias de sucesso impõem-se e generaliza-se (ibid. p. 121, 122).

Nesta teoria há que destacar a figura do *delinquente* que é caracterizada por se relacionar com outros delinquentes; não trabalhar regularmente e consumir demasiadamente álcool e droga. O tráfico destes é imperioso para manter um *estilo de vida* festivo, lúdico, hedonista, pródigo e conflituoso. E para regular os conflitos permanentes com amigos, os cúmplices, os fornecedores e os clientes, é preciso recorrer constantemente à força (ibid. p.125).

A Análise Estratégica, busca a teoria da Associação Diferencial⁹ aperfeiçoada por Akers (*apud* Cusson, ibid), cujo fundamento é de que “os comportamentos desviantes são aprendidos na companhia de pares, por imitação, por reforço dos actos desviantes e por uma exposição a definições favoráveis à desviança.”

A *Co-delinquência*¹⁰, designa as relações de cumplicidade que unem as pequenas equipas (maioritariamente de dois, três ou quatro) participantes num mesmo delito. A co-delinquência é um factor de enraizamento no crime, ao viabilizar certos delitos e ao aumentar a eficácia de outros (Cusson, ibid. p. 152).

Outra abordagem que está estreitamente ligada à Análise Estratégica e que ajuda a compreender o comportamento do criminoso como racional é a Teoria das Escolhas Racionais aplicada ao crime.

⁹ Ela assenta em quatro pressupostos básicos:

1- *A associação diferencial*: a aprendizagem do comportamento desviante se faz principalmente no seio dos grupos primários: família e os grupos de pares. É aí que o indivíduo é exposto a definições, a modelos e a reforços mais ou menos duradouros, frequentes e intensos;

2- *As definições*: São as atitudes face a um comportamento desviante e o significado que lhe é atribuído. As definições favoráveis a um acto desviante podem ser positivas (apresentam-no como um facto moralmente desejável) ou neutralizantes (justificam-no, desculpam-no ou racionalizam-no);

3- *A imitação*: consiste no facto de um sujeito realizar o gesto que viu ser realizado por outrem;

4 - *O reforço diferencial* é o balanço das recompensas e das punições passadas, presentes e antecipadas, consecutivo ao comportamento desviante estudado...a probabilidade de um acto desviante vir a repetir-se aumenta se ele foi recompensado, se permitiu evitar frustrações e se não foi punido (Cusson, 2002. p 147, 148, 149 e 149).

¹⁰ No original *co-offending*, é um termo criado por Reiss (*apud* Cusson, 2002).

A Teoria de Escolhas Racionais proposta por Clarke (1995) sugere que o crime é aquele momento em que o potencial criminoso decide cometer um delito após considerar um conjunto de variáveis, como a necessidade de dinheiro, valores pessoais, experiências aprendidas, segurança do local onde se encontra o alvo, frequência de comparecimento da polícia na região, e outras variáveis. Antes do crime, o criminoso “racional” avalia todas estas condições em termos de possibilidades de ganhos e perdas, a severidade das penas em caso da prisão e a necessidade imediata ou não dos valores monetários.

A Racionalidade Limitada sustentada por Simon (*apud* Ferreira et al, op. cit. p. 447), remete-nos a compreensão de que a racionalidade dos criminosos não é absoluta porque comporta um conjunto de contingências: primeiro, a capacidade intelectual individual e colectiva de um determinado grupo social que envereda pelo crime é específica. Ou seja, um ou mais indivíduos podem ter mais ou menos inteligência o que se reflecte na menor ou maior capacidade de avaliar os custos e benefícios dum acto desviante. Segundo, um indivíduo pode não ter acesso a toda informação necessária para protagonizar com sucesso o acto desviante, culminando com a inviabilização da sua acção por parte de algumas formas de controlo social. Em terceiro, o valor do objecto que se pretendia roubar pode não corresponder às expectativas da acção desviante. Esta teoria ajuda a explicar o porquê da neutralização ou insucesso das acções dos ladrões de viaturas.

O uso destas teorias que enfatizam o carácter estratégico dos criminosos [Cusson (2002), Felson & Cohen(1979), Clarke (1995) e Simon (*apud* Ferreira, 1995)] é determinante para este trabalho à medida que oferece à prática do roubo de viaturas, uma compreensão racional, onde o criminoso avalia as vantagens e desvantagens desse acto, e contribuem para analisar as condições que os ladrões consideram favoráveis para efectuarem o roubo e também fornecem explicações de como os indivíduos se tornam conhecedores do acto do roubo de viaturas.

3.2 Principais Conceitos

3.2.1 Crime

Pode-se perceber, de acordo com a revisão bibliográfica, que não existe consenso sobre a definição do crime.

Laine (1997) apresentou a definição da criminalidade do ponto de vista penal: “o crime é um acto intencionado que, no código penal ou noutra lei, é definida como punível e onde o Estado tem o direito da penalidade”. Esta é uma definição legal. Mas, esta definição levanta problemas porque só considera criminosos os actos definidos pelo código penal, o que não pode ser um critério adequado para definir o crime dado que existe actos de carácter criminoso que escapam ao crivo do direito criminal.

Vaz (1998), no seu livro sobre *Crime e Sociedade*, fazendo referência à Ferrão (*apud* Vaz, 1998, p. 35), apresenta a definição social do crime: “o crime é todo o facto ou omissão praticado por um membro, permanente ou temporário, da comunidade social, de que resulta mal à mesma comunidade em relação à sua segurança ou ao seu melhoramento”.

Por sua vez, Durkheim (*apud* Dias e Andrade, 1997), apresenta uma definição sociológica do crime ao considerar o crime como lesão de determinados sentimentos colectivos. Ou seja, o crime consistiria na ofensa dos estados fortes e definidos da consciência colectiva.

Os conceitos criminólogos sobre o crime, apesar da sua pluralidade e diversidade, têm a característica comum de apresentar uma referência jurídica e uma sociológica. A primeira significa a possibilidade de o comportamento vir a ser sancionado negativamente pelo ordenamento criminal ou equiparado num problema jurídico; a segunda referência é relativa a conduta lesiva de valores comunitários e capaz de despertar reacções sociais emotivas (*ibid*).

Para Gassin (*apud* Cusson, *op. cit.* p.18), o crime é caracterizado pela violência e pela astúcia. A violência compreende actos como homicídio, as ofensas à integridade física e os atentados contra a vida por imprudência. A astúcia, traduz-se na fraude, na burla e no furto.

Apesar da não existência de consenso nas definições do crime, existem nelas diferentes elementos que são fundamentais para compreender a natureza do crime.

De acordo com propósitos desta monografia, pretende-se emprestar o termo **crime** para significar o fenómeno do roubo de viaturas praticado por indivíduos movidos por uma lógica de custos de oportunidade com objectivo de satisfazer uma necessidade individual ou social, utilizando armas e técnicas e procurando tirar o máximo proveito dos ganhos.

3.2.2 Racionalidade

Por este termo, Weber (op. cit.), refere-se a um tipo de acção cuja substância estende-se na avaliação ou ponderação dos meios e fins dessa acção. A racionalidade, de acordo com Weber (ibid), pode ser de dois tipos: *Racionalidade subjectiva*-refere ao grau do actor que se engaja cognitivamente antes de agir; *Racionalidade objectiva*-refere-se ao grau em que a acção contém princípios racionais por aderir normas formais ou para especificar cálculos de meios e fins. Weber (ibid) identificou quatro tipos diferentes de racionalidade: instrumental; técnica; formal e substantivo ou real. Os quatro tipos de racionalidade diferem na acentuação colocada no grau de consideração dada aos meios e grau de cálculo na consecução dos objectivos-fins.

O conceito da racionalidade torna-se importante para o este trabalho na medida em que justifica o carácter racional do acto do roubo de viaturas por parte dos criminosos, pois, estes avaliam os meios e fins antes do acto. Este conceito está patente em todos os objectivos que norteiam o trabalho.

3.2.3 Situação Pré-criminal

Refere-se aos alvos preferidos dos criminosos; às horas adequadas para a prática do crime; ao nível de segurança; ao grau de exposição da vítima; à arte de enganar ou seja o “bluff”; à duração da operação, dado que quanto mais tempo a operação levar, mais hipóteses de

aparição da segurança ou da polícia; à sobrevalorização da vida em relação aos objectos ou bens e etc (Cusson, op. cit).

Nesta abordagem pretende-se com este conceito compreender as circunstâncias objectivas que precedem o roubo de viaturas: as estratégias, os planos engendrados, a duração do acto, os locais frequentes, a finalidade do acto, o período do dia que frequentemente ocorre o roubo, as vítimas preferenciais e o número dos delinquentes envolvidos.

3.2.4 O Meio Delinquente

A delinquência é aprendida através do convívio com outros delinquentes. O comportamento dos assaltantes, à mão armada é resultante da posse de um saber-fazer fundado na experiência: a do próprio criminoso e dos outros (ibid).

Os delinquentes vêm-se cercados por um grupo de delinquentes que exercem influência através da instigação ao cometimento de actos desviantes e através da co-delinquência aprendem a ser eficazes nas suas acções. No meio delinquente:

“As redes¹¹ delinquentes oferecem aos membros a assistência, os reforços, as informações, o saber fazer, as técnicas, as armas, os instrumentos, os veículos, os stocks e os receptadores que possibilitam a realização de certas operações, ou que tornam outras mais vantajosas e seguras” (Cusson, ibid. p.152).

Nesta perspectiva, adopta-se o conceito do meio delinquente para também fazer-se alusão a experiência que é transmitida no convívio entre delinquentes, onde o indivíduo torna-se um potencial criminoso por ter aprendido práticas e técnicas eficazes (no seu ponto de vista) e dominar os instrumentos ou armas que são necessários para executar um roubo de viaturas.

¹¹Rede é o tecido de relações directas e indirectas que une os delinquentes e que faz circular entre eles exemplos, informações, técnicas criminosas e justificações (Cusson, ibid. p. 158).

IV: METODOLOGIA

4.1 Métodos e técnicas

O método de abordagem adoptado é essencialmente qualitativo porque procurou-se analisar e compreender a prática do crime, as circunstâncias em que o roubo foi praticado, bem como os factores que influenciaram na decisão de proceder com o assalto à mão armada por parte do criminoso. O nível de pesquisa que acompanhou o estudo do fenómeno do roubo de viaturas é descritivo dado que procurava-se descobrir e classificar a relação entre o roubo de viaturas e a racionalidade (Gil, 1999).

Como *método de procedimento*, em primeiro, privilegiou-se o levantamento documental que consistiu na leitura e na análise de fontes documentais tais como arquivos registos de dados estatísticos, etc. Considerou-se também o levantamento bibliográfico, ao analisar livros e artigos científicos que debruçam sobre o problema em análise.

Como *técnica de recolha de dados*, usaram-se as entrevistas, e o tipo de entrevista foi *não directiva*. Este tipo de entrevista permitiu que o entrevistado desenvolvesse suas opiniões e informações de maneira livre e aberta. Aqui, o entrevistador desempenhou um papel de orientador e estimulador (Richardson, 1989).

Foram usados três (3) tipos de guiões para realizar as entrevistas, de modo que se tenha um estudo integrado que envolva não só os criminosos, mas também as vítimas e autoridades policiais. Assim, o primeiro grupo de entrevistas foi dirigido para as autoridades policiais ou aos agentes responsáveis pela secção de assalto à mão armada e roubo de viaturas; outro grupo de questões foi administrado às vítimas do assalto e por fim entrevistou-se os reclusos da Cadeia Central indiciados de roubo de viaturas.

Optou-se por abranger os agentes da polícia de investigação criminal na população em estudo, porque acreditou-se constituírem um grupo de indivíduos que detêm uma informação privilegiada relativa as acções de inviabilização ou neutralização dos criminosos, seus esconderijos, a invariabilidade dos procedimentos, etc. Quanto as vítimas, estas foram considerardas como um grupo importante, na medida que podia-se saber, por parte delas, da ocorrência de roubos oportunos de outros bens durante o roubo de viaturas. De modo geral, as vítimas e os agentes da PIC ligados à brigada de furto de viaturas, estabeleciam com os

criminosos detidos uma relação de complementaridade para o presente estudo, dado que a informação que não pudesse ser obtida num grupo, um outro podia disponibilizar.

As entrevistas decorreram em três etapas, segundo as três categorias de entrevistados. Em Julho de 2010 foram entrevistados os agentes da PIC e em Agosto do mesmo ano realizaram-se as entrevistas com as vítimas. Para este grupo, houve uma condição: efectuar sem autorização das autoridades policiais ou o MINT, porque não se responsabilizariam pelo contacto que teríamos com as vítimas por questão de sensibilidade. Por fim, as entrevistas concedidas pelos reclusos efectuaram-se no mês de Novembro.

A amostragem que foi empregue é probabilística que traduz o modo aleatório da escolha da amostra populacional (Lakatos e Marconi, 1991). Para o objecto de pesquisa a amostra foi aleatória simples que consiste em atribuir a cada elemento da população um número único para depois seleccionar alguns desses elementos de forma casual (Gil, op. cit). Foram entrevistados no total 18 indivíduos. 5 agentes policiais, 3 vítimas de roubo e 10 reclusos.

A população prisional foi delimitada de seguinte modo: indivíduos de sexo masculino, de nacionalidade moçambicana, de idades compreendidas entre os 15 a 35¹²anos, e que tenham sido detidos por roubo de viaturas.

¹² Esta faixa etária não foi aplicada às vítimas que participaram do estudo, tal como as autoridades policiais.

4.2 Limitações do trabalho

Deve-se, considerar que este estudo não foi realizado nos moldes como se havia concebido devido à limitações de ordem institucional e funcional.

Segundo o novo director do SNAPRI, não é permitido a entrada de investigadores, curiosos e jornalistas na cadeia de máxima segurança, conhecida vulgarmente por BO. Por conseguinte, optou-se por realizar a pesquisa na Cadeia Central onde encontravam-se detidos 30 indivíduos indiciados de roubo de viaturas. Eles estavam de passagem porque esperavam por uma breve transferência para B.O. Devido à sua condição de detidos e não de condenados, a maioria dos elementos desse grupo de criminosos, não se identificava com o crime, o que dificultou a obtenção de certas respostas das entrevistas e a recusa de alguns em participar na pesquisa.

Dado ao limitado número de casos de assaltos à mão armada na Cadeia Central e a recusa de alguns reclusos a participar na nossa entrevista não foi possível entrevistar os 15 reclusos para amostra, tendo-se efectuado 10 entrevistas. Estas decorreram quatro meses depois das outras relativas às vítimas e agentes da PIC, dado que só foram possíveis no mês de Novembro de 2010, altura em que o novo director do SNAPRI concedeu a autorização.

A análise de documentos e dados estatísticos foram condicionados, não tendo sido possível efectuar exhaustivamente, porque segundo a Policia de Investigação Criminal os arguidos estão protegidos por uma lei vigente no código penal nos termos do artigo 70, que advoga que a informação não pode ser fornecida a ninguém se não a parte interessada no processo.

V: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1 Cadeia Central: breve descrição

A Cadeia Central, localizada na Matola, Avenida Eduardo Mondlane, na zona da Machava, foi construída nos anos 60, no período colonial (PNUD, 2000). Concebida inicialmente para albergar 700 reclusos, constituía o maior e principal centro prisional do país. Pois, todos os reclusos do país, condenados a penas de prisão maior eram transferidos para a Cadeia Central da Machava. Nos anos 70 começou a construção de cadeias centrais de Manica e Nampula, o que possibilitou a descentralização da mesma, ficando esta a servir a região Sul. Na mesma década (70), foi construída a penitenciária industrial da então Cidade de Lourenço Marques que funcionava na Cadeia Central da Machava.

Actualmente a Cadeia Central de Maputo encontra-se sob tutela do Ministério da Justiça, através da sua Direcção Nacional das Prisões. A cadeia destina-se a receber reclusos condenados a penas de prisão correcional superiores a três meses, mas que integram também uma secção que acolhe detidos em prisão preventiva. Os crimes dos reclusos da cadeia central variam, sendo tipificados em: burla, falsificação, roubo (celulares e carteiras) e furto. As penas são igualmente variadas, sendo a pena máxima correcional de 16 anos, embora sejam pouco frequentes. De acordo com os dados de 2007 a Cadeia Central de Maputo conta com 10 pavilhões e ocupados por cerca de dois mil e meio reclusos, contra sua capacidade recomendável de 800 (Portal do governo, 2007).



Imagem 1: Pátio da Cadeia Central de Maputo¹³

5. 2 Perfil Sócio-demográfico dos detidos

O grupo alvo é dividido em três categorias: os reclusos ou criminosos, os agentes policiais e as vítimas. Ao todo, foram entrevistados 18 indivíduos. Mas importa para o presente trabalho descrever o perfil dos criminosos por serem o principal grupo e do qual pretende-se fazer uma análise. Deve-se tomar em consideração os seguintes aspectos: a idade, o bairro de proveniência, o grau de escolaridade e ocupação.

¹³ Imagem obtida através do site: sapo.pt/gif/506028.gif

Ao se analisar a idade dos detidos verifica-se que a maioria pertence a uma faixa etária de 25 a 34 anos. Dos 10 detidos 7 pertencem a esse grupo; dois pertencem ao grupo etário de 35 a 40 e apenas 1 detido situa-se entre os 18 e 24 anos.

Tabela 1: Distribuição dos detidos por faixa etária

Faixa etária	Nº
(18 a 24)	1
(25 a 34)	7
(35 a 40)	2
Total	10

Quanto ao bairro de proveniência, os detidos da Cadeia Central pertencem a diferentes bairros que compreendem tanto a zona urbana, a suburbana, a periurbana¹⁴: Bairro Central, Alto-Maé, Costa do Sol, Mafalala, Chamanculo, Zimpeto, Mahlazine, Infulene, Albazine como algumas zonas rurais (alguns distritos da província de Maputo): Moamba. A outra componente sócio-demográfica é o nível académico dos detidos. Nele também, verifica-se variação.

Há detidos que frequentaram o ensino médio, outros apenas com o nível básico, alguns são técnicos médios, um é licenciado e consta registo dum detido com 3ª classe. Por fim, as profissões que desempenhavam antes de ser detidos são diversas. Existem detidos que eram:

¹⁴ Segundo Brito (2002) a zona urbana corresponde à antiga cidade de cimento onde viviam os colonos, a suburbana aos antigos bairros de caniço onde vivia a grande maioria dos moçambicanos, e a periurbana que prolonga o espaço suburbano.

electricistas, seguranças, cobradores, contabilistas, motoristas e mecânicos. Alguns estavam na simples condição de desempregados.

5. 3 AS RACIONALIDADES DO ROUBO DE VIATURAS NA CIDADE DE MAPUTO.

5. 3. 1 Racionalidade Instrumental: Motivações.

No geral, ao longo das indagações constatou-se que os assaltantes de viaturas eram motivados pela consideração da oportunidade de: “iniciar a vida”; ter uma vida melhor; construir uma casa própria ou melhorada; viajar; ganhar mais dinheiro; etc. Percebeu-se que os ladrões de automóveis tinham uma finalidade racional ao praticarem esse crime.

Para o grosso dos entrevistados, o roubo de viaturas constituía uma via vantajosa porque, segundo um deles:

“Foi a maneira mais rápida para concretizar os meus intentos”.¹⁵

Esse argumento é corroborado pelos pressupostos de Cusson (op. cit), ao referir-se que o assalto à mão armada à viaturas é um ganho rápido e fácil para quem conhece as técnicas do roubo, porque o típico roubo de viaturas não dura muito tempo e as probabilidades de sucesso a curto prazo são excelentes.

Depreende-se que as motivações encontradas são de ordem racional porque essa acção desviante (roubo de viaturas), se estrutura com base numa relação de meios e fins (Ferreira, et ali, op. cit). Por isso, o acto do roubo de viaturas discrimina o nível académico, a profissão e a proveniência. É o caso do seguinte entrevistado que é formado em contabilidade:

¹⁵Guluva Maluva-Mahlazine, entrevista, 18 de Novembro de 2010 (Torna-se necessário advertir que os nomes dos entrevistados que são referidos ao longo desta monografia são fictícios. Tal procedimento é conveniente por conferir aos entrevistados sua privacidade e confidencialidade aos dados da entrevista).

“Um gajo queria ter uma vida melhor pá...esses gajos não pagam nada...já viu, durante um ano o dinheiro não chega para nada. Só gasto nas despesas de casa: comida, energia. Tenho mulher e filhos que precisam de mim para tudo...e porquê na primeira oportunidade que aparecesse não podia me virar? Tinha de burlar o carro...queria usar o rendimento da venda do carro”¹⁶

A racionalidade do roubo de viaturas, encontra seu alicerce no conceito de racionalidade de Weber (1947) ao se verificar que é uma acção passível de ser avaliada ou ponderada em termos de meios e fins para propósitos de eficácia e de consecução de objectivos práticos, como o ganho de dinheiro para auto sustento ou realização. Segundo um detido:

“...Eu sou cobrador. O dinheiro não chega para construir...vivo com minha senhora, ainda não lobei e tenho que construir porque estou em casa dos meus pais. Os meus pais já não querem me ver lá. Estão a me pressionar mano...”¹⁷

Ao se analisar as razões para o cometimento do crime (roubo de viaturas), que se resumiam em auto sustento, auto realização e criação de condições para o bem estar de familiares, compreendeu-se a relação meios/fins. Onde o roubo de viaturas constituía um meio para atingir um fim que são as razões ou motivações anteriormente referidas.

Quanto ao risco do acto do roubo, alguns desviantes responderam que antes avaliaram essa dimensão. E sabiam que podiam eventualmente ser neutralizados. Porém, corroborando com a Análise Estratégica, a vantagem do ganho ou da probabilidade do sucesso era enorme e conferia uma expectativa de concretizar seus objectivos.

“Sabia que podia me dar mal. Mas tínhamos planos e achávamos que não falharia nada. Não pensávamos nas consequências negativas disso, queríamos o carro e pronto. Mas foi azar nosso ou melhor azar de alguns de nós porque outros escaparam. Isto é assim, temos que contar com tudo”.¹⁸

¹⁶ Stefano Baloi-Moamba, entrevista, 18 de Novembro de 2010.

¹⁷ Makhafinho-Costa do Sol, entrevista, 18 de Novembro de 2010.

¹⁸ Noa Figueredo-Alto-Maé, entrevista, 19 de Novembro de 2010.

5. 3. 2 Comercialização das Viaturas Roubadas

No geral os carros roubados são comercializados fora e dentro do país. Desse modo, existem por considerar duas vertentes de comercialização: uma interna e outra externa.

Na primeira, os carros roubados são maioritariamente comercializados nas outras províncias, predominantemente a norte do rio Save, como Nampula e Tete.

Na segunda vertente de comercialização, estão envolvidos países vizinhos de Moçambique, como se refere o seguinte relato dum agente da PIC:

“O mercado depende do tipo de viaturas. A maioria vai para o Norte: Quelimane, Nampula, Tete...outros são destruídos e vendidos em peças...Pajero, BMW, Mercedes, nunca apanhamos aqui, vão para o estrangeiro: República Sul Africana, Swazilândia, Tânzania, Malawi e Zâmbia”.¹⁹

Acredita-se que muitas das viaturas de luxo roubadas são comercializadas fora do país. Segundo o inspector Siteo da policia de investigação criminal:

“Os carros roubados, uma parte depende...as viaturas de luxo como Mercedes, BMW, muitas vezes são levados para fora do país: RSA, Botswana, Namíbia, Zimbábwe, Angola. Agora, os mais baratos, são comercializados dentro do país e fora de Maputo de preferência”.²⁰

Algumas evidências indicam que não há maior rigor preferencial nas viaturas. Desde que sejam de luxo ou últimos modelos, podendo ser Mercedes, BMW, Toyotas, etc. Como se refere um agente da PIC:

“Nos tempos da quadrilha de Agostinho Cháuque, era tudo o que era viatura de luxo ou novo modelo. Podia ser um Toyota que é um bom carro. Podia ser um carro muito valioso e vendiam por preço muito baixo...fui buscar um carro em Nampula que na altura estava 180 mil e ele comprou por 160, e eu me perguntei porque não foi na agência para comprar um carro novo?...”.²¹

¹⁹ Amílcar Cumbe, entrevista, 28 de Julho de 2010.

²⁰ Armando Siteo, entrevista, 28 de Julho de 2010.

²¹ Denis Salvador, entrevista, 29 de Julho de 2010.

Porém, atendendo as necessidades do mercado, em Moçambique, existem alguns grupos de assaltantes que optam exclusivamente por viaturas de marca Toyota devido a existência de vários modelos, vulgaridade e:

“...à fragilidade. É fácil ser roubado com chaves falsas...temos mais processos de furto e roubo de viaturas dessas marcas.”²²

A Análise Estratégica do Crime, sustenta que os bens e serviços que são objecto de roubo, estão ligados à conjuntura dos seus preços no mercado. As relações entre a oferta e a procura agregada, no mercado paralelo desses produtos, tanto podem evoluir no sentido da baixa como do aumento dos seus preços de venda (Ferreira, et al, op. cit). Isso explica a preferência pelas viaturas de marca Toyota que são vulgares e suas peças muito procuradas.

Nas pesquisas, constatou-se que certos ladrões de viaturas não praticam esse acto para seu benefício directo. Pois, foram solicitados por clientes que desejavam ter um determinado modelo de carro. Porém, esta é uma falsa excepção que confirma a motivação dos ladrões, que é de ganhar valores monetários via roubo de viaturas que confere maiores ganhos para melhorar suas condições de vida.

Segundo um agente da PIC:

“...há grupos que se dedicam aos carros de grande valor...os próprios gatunos têm agentes internos e muitas vezes o roubo de viaturas é feito por encomenda. Rouba e telefona ao cliente dizendo que já está connosco o carro...”²³

²² Jorge Jafete, entrevista, 30 de Julho de 2010.

²³ Amilcar Cumbe, entrevista, 28 de Julho de 2010.

5. 3. 3 Racionalidade Objectiva: as circunstâncias do roubo

A circunstância do roubo de viaturas é enformada pela racionalidade subjectiva proposta por Weber (op. cit). Trata-se de actores que conhecem essa prática do roubo de viaturas e se engajam dentro desse conhecimento para a consecução desse acto.

Através dos dados recolhidos percebe-se que uma operação de roubo de viaturas dura em média 3 minutos. Segundo uma vítima que fora roubada um Toyota Mark II:

“A operação durou menos de três minutos...levaram-me à alguns metros para mostrar todos os segredos do carro, largaram-me e foram-se embora”.²⁴

O facto de haver uma tendência para efectuar o roubo em menos tempo é explicado, de acordo com Cusson (op. cit), como uma reacção dos assaltantes à uma possível intervenção policial ou de dispositivos de segurança.

Há casos excepcionais em que o roubo leva mais ou menos 30 minutos quando os criminosos percebem que são favorecidos pela ausência de segurança e absoluto controlo da vítima, como o caso do roubo do Toyota Harrier no bairro de Sommershield II. Pois, segundo a vítima:

“Eles haviam tomado o controle da situação. Eram 2 horas da madrugada, quando os assaltantes estavam dentro da casa e outros fora. E faziam tudo normalmente e sem pressa”.²⁵

E normalmente actuam no período da noite das 19 horas às primeiras horas da manhã. Como considerou um agente da PIC:

“Entre as 18 ou 19 horas quando as pessoas saem dos serviços para as casas são emboscadas, muitas vezes porque já foi feito o plano. Controla-se o horário. Muitas vezes os carros são roubados perto de casa...na rua...as 21, o tráfego está reduzido, pode ser interpelado e emboscado”²⁶

²⁴ Charles Nuvunga, entrevista, 3 de Agosto 2010.

²⁵ Charles Nuvunga, entrevista, 3 de agosto de 2010.

²⁶ Amílcar Cumbe, entrevista, 28 de Julho de 2010.

Verificou-se que os finais de semana são com frequência onde se regista mais roubos porque segundo um agente da PIC:

“...os ladrões aproveitam-se da fragilidade dos ocupantes. Estes encontram-se em festas, embriagados, em divertimento. E normalmente nesses dias, as pessoas viajam e deixam os carros nos passeios ou nos parques”.²⁷

Há que frisar o carácter aleatório, aliado ao factor oportunidade no acto do roubo. Isto porque há registo de casos que não obedecem esse horário.

Onde a vigilância ou a segurança é muito apertada o assaltante racional não arrisca a roubar. Pois aproveita-se das circunstâncias favoráveis como a inexistência de polícias no recinto, ou à fragilidade da segurança e a posse de arma do próprio gatuno. Como um deles revelou:

“Éramos quatro, aproximamos e logo vimos que a dona do carro havia aberto o carro com remote...estávamos sem medo porque o segurança estava no portão principal da universidade”.²⁸

Contudo, apurou-se também que pelo facto de ser no período nocturno, eles actuam em qualquer sítio, mesmo nos aglomerados das pessoas, roubam porque contornam a polícia e têm armas para intimidar suas vítimas.

Outra circunstância que favorece o acto de roubo é o grau de exposição da vítima, como o facto de estacionar ou tirar o carro em sítios perigosos e de fraca visibilidade.

Segundo a Análise Estratégica do Crime (Cusson, op. cit), o roubo de viaturas é obviamente mais registado em zonas onde há um grande fluxo de viaturas; há poder de compra e há diversidade em termos de modelos preferenciais. Essa fundamentação teórica encontra sua substância nos seguintes dados:

“...Sítios com mais registo de roubos são a zona de cimento, nomeadamente bairro de Polana, Sommersfield, Malhangalene; bairros periféricos: Ferroviário, Mahotas, Laulane”.²⁹

²⁷ Jorge Jafete, entrevista, 30 de Julho de 2010.

²⁸ Mário Sidonga-Zimpeto, entrevista, 19 de Novembro de 2010.

²⁹ Armando Siteo, entrevista, 28 de de Julho de 2010.

No concreto, roubos acontecem nas residências, nos parques, restaurantes, praias, hospitais, etc. Uma vítima contou que:

“...foi no parque da Universidade São Tomás, e não havia movimento, por volta das 19”.³⁰

O acto de roubo de viaturas é acompanhado por roubos de outros bens que a vítima possui. Eles aproveitam e levam o que é valioso no carro:

“...levaram tudo o resto que era valioso: telefone, aliança, cartão de banco”.³¹

Outra disse:

“Levaram os plasmas do carro, carteiras...”.³²

A teoria das oportunidades proposta por Felson e Cohen (op. cit), recorrida pela Análise Estratégica do Crime para explicar o comportamento dos criminosos, ajuda a perceber que a aleatoriedade verificada na hora do roubo, nos sítios, nas zonas do roubo e nos dias de semana, é em parte proporcionada pela circunstância em que há uma oportunidade clara e objectiva para o roubo. Refere-se à ausência de protecção ou segurança; ao grau da exposição da vítima; aos alvos adequados; às condições de acesso ao roubo; o potencial, as habilidades e outros recursos do criminoso.

Segundo indagações, constatou-se que o ladrão planifica, avalia o terreno e as circunstâncias antes de roubar. Por isso, criam dificuldades ao trabalho da polícia:

“...por mais que haja patrulha não é fácil, eles são estrategas. Têm armas escondidas, de preferência pequenas”.³³

De acordo com Simon (*apud* Cusson, op. cit), os planos e procedimentos dos criminosos não são necessariamente sofisticados ou melhores, mas satisfatórios e racionais para alcançar seus objectivos imediatos.

³⁰ Ana Zandamela, entrevista, 03 de Agosto de 2010.

³¹ Paula Saveca, entrevista, 3 de Agosto de 2010.

³² Charles Nuvunga, entrevista, 3 de Agosto de 2010.

³³ Gulamo Taipo, entrevista, 28 de Julho de 2010.

Denis Salvador acrescentou que:

“...os assaltantes são pessoas que pensam, analisam o que vão fazer e sabem das consequências...vão ao terreno já com a análise e estudo. São pessoas que nós podemos pensar que já que fizeram isto hoje, amanhã também vão fazer, não. Não é assim.”³⁴

Em relação à essa observação, Simon (op. cit) considera que um ladrão pode não ter em sua disposição toda a informação que é relevante para a sua acção. E a capacidade intelectual varia de indivíduo para indivíduo ou de um grupo para outro. A fraca capacidade intelectual e organizacional pode constituir um factor limitante à acção dos criminosos, fazendo com que eles sejam presos, neutralizados, etc.

“Depois de termos roubado o carro, levamos o carro para a casa dum meu tio no bairro da Liberdade. Lá mudamos a matrícula para podermos viajar a vontade, mas uma hora depois sentimos que estávamos a ser seguidos e fomos barrados pelos homens da *Cartrack* e nada fizemos senão nos entregarmos...”³⁵

Este é um dos exemplos da falta da disposição de toda informação útil para o roubo. Outro detido declarou que:

“ Dizem que eu vendi o carro para um tal de Sr. Momed, eu não lhe conheço nem gordo nem magro...”³⁶.

Apesar da recusa em assumir o crime por parte do detido, percebe-se que algumas viaturas são recuperadas por via de pessoas que alegam ter comprado num determinado individuo que é imediatamente alvo de investigações da polícia. Isto em parte mostra que alguns criminosos são susceptíveis de serem encontrados através das suas ligações e cumplicidades.

Porém, reconhece-se a dificuldade de encontrá-los e neutralizá-los, porque, segundo Cusson (op. cit), o criminoso é um membro da sociedade que vive normalmente como um cidadão comum. Ele tira o partido do facto de viver num meio em que o grupo ou o anonimato lhe protege. Ele está sempre de sobre aviso e pode mudar de residência com frequência.

³⁴ Denis Salvador, entrevista, 29 de Julho de 2010.

³⁵ Arone Mão Leve-Mafalala, entrevista, 18 de Novembro, 2010.

³⁶ Samsone Beula-Bairro Central, entrevista, 18 de Novembro de 2010.

“...os gatunos vivem no seio da sociedade...são privilegiados pela sociedade civil...nenhum parente entrega seu filho”.³⁷

E sobre este aspecto o inspector Siteo referiu:

“...hoje aluga-se quartos nos subúrbios; os criminosos não ficam nas suas casas; ficam nos esconderijos”.³⁸

5. 3. 4 Racionalidade Artesanal: o saber roubar viaturas

A maioria dos nossos respondentes disse que fez parte da quadrilha de roubo de viaturas a partir de amigos e mais que a metade dos entrevistados disse que já usava armas antes do último assalto, do qual resultou a sua detenção.

Os ladrões de viaturas aprendem técnicas e modos de operar com outros que conheceram-se em diferentes meios, como escola, bairro, prisão, etc.

“...Há várias vias. Se conheceram na escola...outros têm experiência...começa a construir o grupo. Ou são vizinhos, e um já tem alguma experiência; outros chegam a se profissionalizar na cadeia, porque lá aprendem, trocam números, se formam lá dentro e quando estão fora começam a actuar; outros são influenciados, saem sem saber se vão assaltar...recuar torna-se difícil.”³⁹

Para explicar essas constatações, a Análise Estratégica apoia-se na Teoria da Associação Diferencial desenvolvida por Akers (*apud* Cusson, *op. cit.*). Esta teoria fundamenta que os comportamentos dos desviantes são aprendidos na companhia de pares por *Imitação*. Pois, verificou-se que é através do processo da *Imitação* que um indivíduo torna-se ladrão de viaturas ao ver e aprender do outrem como se faz uma emboscada à vítima, como se pressiona a mesma, como se maneja uma arma, como usar um determinado instrumento para abrir a porta, etc.

³⁷ Denis Salvador, entrevista, 29 de Julho de 2010

³⁸ Armando Siteo, entrevista, 28 de Julho de 2010.

³⁹ Armando Siteo, entrevista, 28 de de Julho de 2010.

O conjunto de técnicas, saber fazer do meio delinquente passa por aprender a manejar uma arma, a abrir portas de uma viatura com chaves falsas ou uso de ferramentas próprias. Como relatou um agente da PIC:

“...Eu não consigo abrir o carro de fora sem chave. Já tentei, não sei. Mas há um mecânico que abriu com ferro. Alguns conseguem empurrando vidro com as duas mãos, outros metem ferro dentro e desengatam. Mesmo a polícia sul-africana conseguiu. O gatuno antes de ir ao terreno, recebe instrução, está ligado com pessoas que sabem”.⁴⁰

Quase todos os reclusos que foram detidos pela prática de roubo de viaturas confessaram que já haviam usado armas antes. Nesta acepção, pode-se fazer referência à Cusson (*apud* Ferreira et alí, op. cit), ao sustentar que o grupo proporciona aos criminosos a aprendizagem de determinadas normas e valores (socialização) que são importantes para aquisição de um certo saber fazer imprescindível para o acto do roubo de viaturas.

No geral o roubo de viaturas é efectuado na posse de uma arma de fogo. Tais armas são provenientes de duas fontes: 1-após a guerra civil, que Moçambique envolveu-se nela. Houve armas que ficaram na posse de militares e que não entregaram e também provinham dos esconderijos militares; 2- há armas que provêm da RSA. Segundo declarações dum agente da PIC:

“...Tive um processo de um arguido que confessou que a arma que teve comprou na África do Sul... o indivíduo que foi encontrado na Matola tinha cinco *AKMs* encontradas no carro...era armamento novo que não pertencia as forças da Defesa nem a polícia”.⁴¹

O grupo é variado, são elementos que variam de um a mais de cinco pessoas dependendo da circunstância e do plano do roubo. A maioria dos reclusos respondeu que actuavam em grupos de 3 a 6 indivíduos. Desse modo distribuía-se tarefas necessárias.

A essa tendência de agrupamento por parte dos ladrões de viaturas, Cusson (op. cit) denominou de Co-delinquência. Porque trata-se de relações de cumplicidade que unem os indivíduos participantes num mesmo delito.

⁴⁰ Denis Salvador, entrevista, 29 de Julho de 2010.

⁴¹ Denis Salvador, entrevista, 29 de Julho de 2010.

Geralmente os indivíduos criminosos pertencem a um meio específico: *meio delinquente* (Cusson, *ibid.*), que exerce influência no indivíduo ao ser instigado pelos membros do grupo já experientes. Os delinquentes prestam assistência, as informações, as técnicas, o saber fazer, as armas, etc a outros elementos do grupo.

“Aprendi a manejar uma arma através de um amigo, que diz ter aprendido com outro amigo dele. Mas eu só queria saber, não queria fazer coisas feias. Só que um dia apareceu o meu amigo e grupo dele...disseram que tínhamos que levar um carro que estava à nossa espera. Eles deram me as coordenadas do local, disseram que eu iria ganhar 25.000, 00 se conseguíssemos e eu só devia assustar a dona do carro com a pistola, só isso...”⁴²

No geral os indivíduos que participam no roubo sozinhos (que na amostra para este estudo são poucos), são motoristas e mecânicos que usaram toda sua esperteza e saber para tentar enganar os donos de viaturas.

Um recluso, motorista de profissão, disse que:

“Roubei o carro dos meus patrões...havia um amigo que me disse que tinha um gajo que queria comprar aquele carro...pagaria 120. 000,00 *cash*, era um *Hyundai*...”⁴³.

Com base nos tipos de racionalidade do acto do roubo de viaturas anteriormente expostos, torna-se evidente que o roubo de viaturas é precedido por uma consideração de variáveis, como a necessidade de dinheiro, valores pessoais, experiências aprendidas, segurança do local onde se encontra o alvo, frequência de comparecimento da polícia na região, e outras (Clarke, *op. cit.*). E antes do roubo, o ladrão avalia todas estas condições tendo em conta o que pode ganhar e o que pode perder.

⁴² Xadrique Mbembele-Albasine, entrevista, 19 de Novembro de 2010.

⁴³ Maxicuana-Infulene, entrevista, 18 de Novembro de 2010.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a presente monografia intitulada *Análise Estratégica do Crime*, estudo de caso do Roubo de Viaturas na Cidade de Maputo, foi possível atingir os objectivos pretendidos e concluir que o assalto à mão armada na sua vertente de roubo de viaturas é um acto dotado de escolhas e decisões racionais. Pois, os criminosos “racionais” pautam pela avaliação da relação entre meios e fins para que de forma eficaz possam concretizar seus objectivos práticos. No concreto roubam viaturas com o intuito de comercializar e ganhar um dinheiro rápido para melhorar as suas condições de vida ou dos seus familiares.

Essa constatação resultou através da articulação de três pressupostos (que constituíam o os objectivos desta monografia) que estruturam a racionalidade do roubo de viaturas:

Primeiro, o roubo de viaturas por parte dos criminosos entrevistados obedece a uma racionalidade instrumental, o que significa que o indivíduo no acto do roubo considera maior hipótese de atingir o resultado pretendido que é o ganho de quantias estimáveis de dinheiro. Constatou-se que todos detidos indiciados por roubo de viaturas tinham essa pretensão, apesar da percepção dos riscos e da gravidade das penas. Seus objectivos práticos resumiam-se em iniciar a vida, melhoria de vida, viajar, auto realização, etc. Verificou-se que os carros eram comercializados dentro e fora do país, havendo preferências em carros de marca *Toyota* e carros de luxo para atender as necessidades do mercado ilícito.

Segundo, o acto de roubo de viaturas também pressupõe uma racionalidade objectiva. Com este factor permitiu-se compreender que o criminoso observa as condições favoráveis tal como a vigilância ou segurança, existência da polícia. Essa tendência foi demonstrada através de dados da pesquisa ao revelarem que os criminosos actuam estrategicamente ao planificar o roubo; ao escolherem com atenção as horas de actuação; ao dividirem funções por cada elemento participante; ao avaliar o estado de segurança da vítima e do local do roubo.

Verificou-se que o roubo no geral não dura mais de cinco minutos; que o ladrão faz planos para actuar e que antes de roubar, no geral, detém informações relativamente relevantes sobre o carro; que os períodos mais frequentes são nocturnos devido a fraca visibilidade; que zonas onde há maior fluxo de viaturas e poder de compra, há maior propensão para o roubo das

mesmas, como o caso dos bairros da Polana, de Sommershield, Malhangalene, Ferroviário, Mahotas e Laulane e que os locais podem variar de restaurantes, residências, hospitais à praias. Verificou-se também que no acto de roubo de viaturas, oportunamente rouba-se outros bens como: telemóveis, alianças, pulseiras, plamas do carro, etc.

Por fim, um terceiro pressuposto que guiou a validação da hipótese, é a racionalidade artesanal, ou a posse de um saber fazer. Pois, no quadro da racionalidade do crime era objectivo do presente trabalho mostrar que a acção do roubo de viaturas é aprendida através do convívio com indivíduos que anteriormente puderam participar no mesmo acto. Isto demonstrou-se nas pesquisas em que constatou-se que o ladrão de viaturas ganha experiência e aprende técnicas de execução com outros indivíduos já experientes num ambiente de convívio próprio. Trata-se de técnicas de abrir portas dos carros trancados com chaves falsas; manejar uma arma de fogo (que segundo agentes da PIC eram armas que provinham do interior ou exterior do país); desactivar alarmes, etc.

Com estes postulados confirma-se que o acto do roubo de viaturas é um acto em que o criminoso toma a decisão de roubar a viatura após considerar um conjunto de variáveis, a começar pela necessidade de ganhar dinheiro; experiências aprendidas no que concerne ao saber manejar uma arma, abrir portas das viaturas com chaves falsas, entre outros aspectos; a questão da vigilância ou segurança no local para poder arriscar ou não. O indivíduo que se encontra motivado por um fim que considera racional, mesmo que suas habilidades e ou o nível de informação sejam insuficientes, pode (ou no mínimo tentar) roubar uma viatura.

Este estudo não aprofunda a teoria de influência exercida pelos delinquentes sobre os seus pares num meio social denominado delinquente em aspectos como instigação, eficácia, justificação e aprovação. Esta pode ser uma nova pista de pesquisa para futuros trabalhos da mesma orientação teórica. E também pode se explorar outros valores preferenciais que parecem estar associados ao lucro: poder, prazer e prestígio no acto do roubo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Sergio H; Forte, CAVALCANTE. *Manual de elaboração de Tese, Dissertação e Monografia*. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz. Universidade de Fortaleza. 2004.

BEATO, Claudio C. F *Determinates da Criminalidade em Minas Gerais*. Revista brasileira de Ciências Sociais. Vol. 13 n. 37 São Paulo, June 1998. Acedido em 22 de Abril 2010. Disponível em scielo.br-Google académico.

BRITO, Luis de. *Os Condenados de Maputo*. Maputo: Programa PNUD de Apoio ao Sector da Justiça. 2002.

CARJACKING. *O que é carjacking?*. Disponível em www.carjacking.pt.com. Acedido em 03 de Julho de 2010.

CLARKE, R. V. *Situational Crime Prevention, Crime and Justice, building a safer Society: Strategic Approaches to Crime Prevention*. V. 19, 1995, p. 91-150.

CUSSON, Maurice. *Criminologia*. 2ª ed. Rua Bento de Jesus, Portugal: Casa das Letras. 2002.

DIAS, Jorge de Figueredo e ANDRADE, Manuel Da Costa. *Criminologia: O homem Delinquente e a Sociedade Criminógena*. 2ª Reimpressão. Coimbra Editora: 1997.

FELSON, M e COHEN, L. *Social change and crime rate trends: a routine activities approach*. American Sociological Review. 44, August.1979. p 588-608.

FERREIRA, Carvalho et al. *Sociologia*. Amadora: Mc Graw-Hill de Portugal. 1995.

FRONER, Ricardo Pastre. *A Teoria Económica do Crime: O Roubo bancário*. Porto Alegre:

Universidade Federal do Rio Grande de Sul. Faculdade de Ciências Económicas. 2008.

GIL, António Carlos. *Pesquisa Social. Métodos e técnicas*. 5ª ed. São Paulo: Atlas., 1999.

LAINÉ, Matti. *A Orientação á Criminologia e a Sociologia do Comportamento Desviado*. Serviço de Cooperantes finlandeses-Ministério da Coordenação de Acção social. 1997.

LAKATOS, E. Maria, MARCONI, M. Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 1991.

————— .*Metodologia do Trabalho Científico*. 4ª ed. São Paulo: Atlas. 1992.

LORES, et al. *Factores que contribuem no aumento da criminalidade no seio da juventude no Município de Benguela*. Benguela. Disponível em: br.monografias.com/criminalidade-benguela/criminalidade-benguela2shtm. Acedido em Março de 2010.

MADEIRA, I. Jaide. *Ressocialização dos Reclusos na Cadeia Central de Maputo*. Tese para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia. 2009. Departamento de sociologia.

MAVIE, Sheila. *As Significações Sociais da Reincidência Criminal entre os Reclusos da Cadeia Civil de Maputo*. Tese para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia. Departamento de Sociologia. 2009.

MINISTÉRIO DO INTERIOR. Polícia da República de Moçambique. *Dados Estatísticos*. Comando da Cidade de Maputo. Anual-2006.

—————

. Polícia da República de Moçambique. *Dados Estatísticos*. Comando da Cidade de Maputo. Anual-2007.

—————. . Polícia da República de Moçambique. *Dados Estatísticos*. Comando da Cidade de Maputo. Anual-2008.

—————. . Polícia de Investigação Criminal. *Dados Estatísticos*.2010.

MONDLANE, Arsénio Jaime. *Estigma como factor de retorno à Reclusão: Caso do Jovem Reincidente (20-25 anos de idade) da Cidade de Maputo*. Tese para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia. Departamento de Sociologia. 2009.

OLIVEIRA, Cristiano A. *Criminalidade e o tamanho das cidades brasileiras: um enfoque da economia do crime*. Universidade de Passo Fundo. Faculdade de Ciências Económicas, administrativas e Contábeis. 2005. Disponível em <http://www.ppgc.ufrgs.br/giacomo/arquivosdaromp/oliveira-2005.pdf>. Acedido em 22 de Abril 2010.

PORTAL DO GOVERNO. Agosto, 2007. Disponível em <<http://www.govnet.gov.mz/noticias/news-folder-politica.htm>>. Acedido em Fevereiro de 2009.

PAULINO, Augusto Raul. *Criminalidade global e insegurança local – o caso de Moçambique*. Colóquio Internacional – Direito e Justiça no Século XXI. Coimbra, Maio de 2003. Disponível em: uc.pt. Acedido em 22 de Abril de 2010.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências*

Sociais. 3ª ed. Gradiva. 1995.

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SENGULANE, Adozinda Eurides. *Instituição Prisional - Influência das práticas quotidianas na Reabilitação dos Reclusos: O caso da Cadeia Central de Maputo*. Tese para obtenção do grau de licenciatura em Sociologia. Departamento de Sociologia. 2003.

SHIKIDA, Pery Francisco A. *Economia do crime: Teoria e Evidências Empíricas a partir de um estudo de caso na penitenciária estadual de Piraquara (PR)*. 2005. Edital Universal. Processo: 470045/2003-5.

VAZ, Maria J. *Crime e Sociedade. Portugal na Segunda metade do séc. XIX*. Oeiras: Celta. 1998.

WEBER, Max. *The theory of social and economic organization*. A. M. Henderson and Talcott. Parsons, trans. and ed. Glencoe. III: Free Press, 1047.

ANEXO I: GUIÕES DE ENTREVISTA

Guião de entrevista 1:

Guião de entrevista 1: Para criminosos

I. Dados Sócio-demográficos

1. Idade (na época do crime)
2. Zona de origem (bairro)
3. Profissão
4. Nível académico
5. Nome

II. Dados sobre as motivações

6. Que objectivos pretendia alcançar com o roubo/ Qual era a finalidade?
7. Acha que foram alcançadas as expectativas através do roubo?
8. Antes de roubar o veículo, já sabia o que fazer com ele?
9. (Se sim) o que pretendia fazer?
10. Porquê optou pelo roubo de carro?

III. Dados sobre as circunstâncias do roubo

11. Quais foram os instrumentos, as técnicas usadas/armas?
12. Que informação dispunham sobre o objecto antes do roubo?
13. Acha que os meios de transgressão usados são adequados?
14. Tem arriscado em roubar onde a vigilância é apertada?
15. Quanto tempo dura uma operação?
16. Que horas decorreu sua última actuação?
17. Quais foram os planos?
18. Não receou um contra ataque da vítima? Ou auto defesa? Segurança local?
19. Conhecia a vítima? De onde?

20. Na situação em que se encontrava tinha boas razões para agir como agiu?

21. Como foram encontrados ou descobertos?

IV. Dodos sobre o grupo de criminosos

22. Como fez parte do grupo?

23. Como se sentia ou sente no grupo?

24. Existem pessoas que sabem da vossa existência?

25. Já usava arma antes da última detenção?

26. Quantos eram na última operação?

27. Já esteve detido pelo mesmo crime?

28. Como aprendeu a manejar uma arma?

Guião de entrevista 2:

Para vítimas

1. Que horas e dia da semana aconteceu o roubo?
2. Qual é a marca e o modelo da sua viatura?
3. Quantas vezes sofreu o roubo de viatura?
4. Que arma foi usada para executar o roubo?
5. Quantos elementos eram na altura do roubo?
6. Após o roubo, fugiram ou saíram normalmente?
7. Onde decorreu o roubo?
8. Estavam mascarados?
9. Reconheceu alguém?
10. Exigiram mais algo, além do carro ou das chaves?
11. Quanto tempo durou a operação?
12. Foi agredido(a) durante o acto do roubo? (no caso de ter presenciado o roubo).
13. Descreva o acto do roubo.

Guião de entrevista 3:

Para agentes da PIC, afectos na brigada de furto de automóveis

1. Em que período do dia ocorrem mais roubos? E que dias de semana?
2. Em que lugares específicos ocorrem mais os carjackings?
3. Existem quadrilhas conhecidas que actuam como assaltantes de viaturas? Que estejam à monte?
4. Para os criminosos que ainda não foram encontrados, qual seria a causa da sua não neutralização?
5. Qual tem sido o destino dos carros roubados?
6. Qual tem sido a preferência dos ladrões em termos de marcas ou modelos de viaturas?
7. Qual tem sido fonte do armamento dos gatunos?
8. Quais são as vítimas mais preferidas (mulheres/homens; jovens/adultos)?
9. Quais são as circunstâncias que acha favoráveis para a prática do roubo?
10. Acredita na organização dos criminosos? Se sim descreva essa organização.
11. Acha que os malfeitores contém uma informação anterior sobre o veículo em assalto?

ANEXO II: LISTA DOS ENTREVISTADOS

Para preservar a confidencialidade das informações, alterou-se o nome dos entrevistados

Tabela 2: Lista das autoridades policiais (agentes da PIC)

Número	Nome do entrevistado	Cargo	Data da entrevista
1	Armando Sitei	Inspector	28/07/10
2	Gulamo Taipo	Chefe da brigada	28/07/10
3	Amílcar Cumbe		28/07/10
4	Denis Salvador		29/07/10
5	Jorge Jafete		30/07/10

Tabela 3: Perfil Sócio-demográfico dos detidos por roubo de viaturas

Nome	Idade	Residência	Grau académico	Profissão	Data da entrevista
Arone Mão Leve	26	Mafalala	Técnico médio	Electricista	18/11/10
Samsone Beula	31	Bairro Central	12 ^a classe	Segurança	18/11/10
Makhaflinho	37	Costa do Sol	7 ^a classe	Cobrador	18/11/10
Guluva Maluva	38	Mahlazine	3 ^a classe	Desemp.	18/11/10
Stefano Baloi	29	Moamba	Licenciado	Contabilista	18/11/10
Maxicuada	34	Infulene	10 ^a classe	Motorista	18/11/10
Mário Sidonga	30	Zimpeto	1 ^o ano de comércio	-	19/11/10
Xadrique Mbembele	19	Albasine	-	-	19/11/10
Xissaiana	25	Chamanculo	Técnico médio	Mecânico	19/11/10
Noa Figueredo	27	Alto-Maé	11 ^a classe	-	19/11/10

Tabela 4: vítimas do roubo

	Nome do entrevistado	Local do roubo	Marca da viatura	data
1	Ana Zandamela	Universidade São Tomás	Toyta Mark II	03/08/10
2	Charles Nuvunga	Sommershield II	Toyota Harrier	03/08/10
3	Paula Saveca	Zona Verde	Honda CRV	03/08/10